

# A VIDA É SELVAGEM

AILTON KRENAK





**amazonia**  
LATITUDE  
*Press*



Amazônia Latitude review (Print) - ISSN 2692-7446  
Amazônia Latitude review (Online) - ISSN 2692-7462

#### **EDITORIAL BOARD**

##### **Founder and Editor-in-Chief**

Marcos Colón / Florida State University

##### **Managing Editor**

Filipe Andretta

##### **Assistants to the Editors**

Vanessa Pinto Moraes / Universidade Estadual Paulista

##### **Trainees**

Ana Vitória Gouvêa / Universidade Federal do Pará

Yris Victória Soares / Universidade Federal do Pará

##### **Managing Designer**

Fabício Vinhas / Universidade Federal Fluminense

##### **Editorial Board**

Joaquim Barbosa / Universidade Federal do Amazonas

Leopoldo Bernucci / University of California, Davis

Jessica Carey-Webb / University of New Mexico

Jeffrey Hoelle / University of California, Santa Barbara

Bruno Malheiro / U. Federal do Sul e Sudeste do Pará

Ana Pizarro / Universidade de Santiago do Chile

##### **Advisory Board**

Antoine Acker / University of Zurich

Marcos Barros / Universidade Federal do Amazonas

Iraíldes Caldas / Universidade Federal do Amazonas

Alexandre Cardoso / Universidade Federal do Maranhão

Brian Deyo / Grand Valley State University

Juan Carlos Galeano / Florida State University

Milton Hatoum / Escritor

Antonio Ioris / Cardiff University

Serenella Iovino / U. of North Carolina at Chapel Hill

Erik Jennings / Universidade do Oeste do Pará

Nicholas C. Kawa / Ohio State University

Ailton Krenak / líder indígena e ativista ambiental brasileiro

Vinicius Mariano de Carvalho / King's College London

Rob Nixon / Princeton University

José Alcimar de Oliveira / U. Federal do Amazonas

João de Jesus de Paes Loureiro / U. Federal do Pará

Pedro Rapozo / Universidade do Estado do Amazonas

Anne Rapp Py-Daniel / U. Federal do Oeste do Pará

Alberto Vargas / University of Wisconsin, Madison

Paulo Vieira / Universidade Federal do Oeste do Pará

Josué Viera / Universidade do Estado do Amazonas

##### **Editorial Office**

Florida State University

636 West Call Street

Claude Pepper Bldg. #232

Tallahassee, FL 32306-1121

+1-215-200-5090

amazonialatitudeeditores@gmail.com

Amazônia Latitude review is jointly published by

Amazônia Latitude Press LLC and

the Public Health Program at Florida State University

[www.amazonialatitude.com](http://www.amazonialatitude.com)



“QUANDO FALO QUE A VIDA É SELVAGEM, QUERO CHAMAR A ATENÇÃO PARA UMA POTÊNCIA DE EXISTIR QUE TEM UMA POÉTICA ESQUECIDA (...).

“WHEN I SAY THAT LIFE IS WILD, I WANT TO DRAW ATTENTION TO A POWER OF EXISTING THAT HAS A FORGOTTEN POETRY (...).

“CUANDO DIGO QUE LA VIDA ES SALVAJE, QUIERO LLAMAR LA ATENCIÓN SOBRE UN PODER DE EXISTIR QUE TIENE UNA POÉTICA OLVIDADA (...).

# A VIDA É SELVAGEM

<https://www.doi.org/10.33009/amazonia2022.13.12.2>

**A** vida é selvagem. Esse é um elemento essencial para um pensamento que tem me provocado: como a ideia de que a vida é selvagem poderia incidir sobre a produção do pensamento urbanístico hoje? É uma convocatória a uma rebelião do ponto de vista epistemológico, de colaborar com a produção de vida. Quando falo que a vida é selvagem, quero chamar a atenção para uma potência de existir que tem uma poética esquecida, abandonada pelas escolas, formadoras de profissionais que perpetuam a lógica de que a civilização é urbana, de que tudo fora das cidades é bárbaro, primitivo – e que a gente pode tacar fogo.

Como atravessar o muro das cidades? Quais possíveis implicações poderiam existir entre comunidades humanas que vivem na floresta e as que estão enclausuradas nas metrópoles? Pois se a gente conseguir fazer com que continue existindo florestas no mundo, existirão comunidades dentro delas. Eu vi um número que a World Wide Fund for Nature (WWF) publicou em um relatório, dizendo que 1,4 bilhão de pessoas no mundo dependem da floresta, no sentido de ter uma economia ligada a ela. Não é a turma das madeireiras, não: é uma economia que supõe que os humanos que vivem ali precisam de floresta para viver.

A antropóloga Lux Vidal escreveu um trabalho muito importante sobre habitações indígenas, no qual relaciona materiais e conceitos que organizam a ideia de habitat equilibrado com o entorno, com a terra, o Sol, a Lua e as estrelas. Um habitat que está integrado ao cosmos, diferente desse implante que as cidades viraram no mundo. Aí eu me pergunto: como fazer a floresta existir em nós, em nossas casas, em nossos quintais? Podemos provocar o surgimento de uma experiência de florestania começando por contestar essa ordem urbana sanitária ao dizer: eu vou deixar o meu quintal cheio de mato, quero estudar a gramática dele. Como eu acho no meio do mato um ipê, uma peroba rosa, um jacarandá? E se eu tivesse um buritizeiro no quintal?

Temos que parar com essa fúria de meter asfalto e cimento em cima de tudo. Nossos córregos estão sem respirar, porque uma mentalidade de catacumba, agravada com a política do marco sanitário, acha que tem que meter uma placa de concreto em cima de qualquer riacho, como se fosse uma vergonha ter água correndo ali. A sinuosidade do corpo dos rios é insuportável para a mente reta, concreta e ereta de quem planeja o urbano. Hoje, na maior parte do tempo, o planejamento urbano é feito contra a paisagem. Como reconverter o tecido urbano industrial em tecido urbano natural, trazendo a natureza para o centro e transformando as cidades por dentro?

# LIFE IS WILD

TRANSLATION BY MARCOS COLÓN

<https://www.doi.org/10.33009/amazonia2022.13.12.1>

**L**ife is wild. This is an essential element for a thought that has been provoking me: “How can the idea that life is wild be a concern of the production of urbanistic thought today?”. It is a summons to a rebellion of the epistemological point of view, of collaborating with the production of life. When I say that life is wild, I want to draw attention to a power of existing that has a forgotten poetry, abandoned by the schools that form the professionals that perpetuate the logic that civilization is urban, and everything outside the cities is barbarian, primitive – and that we can set it on fire.

How do we cross the city walls? What possible implications could there be between human communities that live in the forest and those that are enclosed in the cities? Because if we can manage to perpetuate the existence of forests in the world, there will be communities within them. I have seen the number that the World Wildlife Fund (WWF) published in a report, saying that 1.4 billion people in the world depend on forests, in the sense of having an economy connected to them. It is not the group of loggers, no, it is an economy that supposes that humans that live there need the forest to live.



The anthropologist Lux Vidal wrote an important piece on indigenous habitations, in which he related the materials and concepts that organize the idea of a balanced habitat with the surroundings, the Earth, the Sun, the Moon, and the stars, a habitat that is integrated with the cosmos, differently to this implant that the cities have become in the world. So, I ask myself how can we make the forest exist within us, in our houses, in our backyards? We can provoke the appearance of a forest experience beginning by contesting this urban sanitary order by saying: I am going to leave my backyard full of plants, I want to study its grammar. How can I find an Ipê tree in the forest, or a peroba rosa, or a jacarandá? And what if I had a moriche palm in the backyard?

We have to stop with this fury of covering everything with asphalt and cement. Our streams cannot breathe, because a catacomb mentality, agravated by a policy marked by sanitation, thinks that we have to put a concrete slab over any little stream, as if it were an embarrassment to have water running there. The sinuosities of the bodies of rivers is unbearable to the straightforward, concrete, erecting mind of those who plan the urban. Today, most of the time, urban planning is made against the landscape. How can we reconvert the urban industrial fabric into natural urban fabric, bringing nature to the fore and transforming cities from within?

# LA VIDA ES SALVAJE

TRADUCCIÓN DE MARCOS COLÓN

<https://www.doi.org/10.33009/amazonia2022.13.12.3>

La vida es salvaje. Este es un elemento esencial para un pensamiento que me ha provocado: “¿Cómo podría afectar la idea de que la vida es salvaje en la producción del pensamiento urbano hoy?”. Es un llamado a la rebeldía desde el punto de vista epistemológico, a colaborar con la producción de vida. Cuando digo que la vida es salvaje, quiero llamar la atención sobre un poder de existir que tiene una poética olvidada, abandonada por las escuelas que forman profesionales quienes perpetúan la lógica de que la civilización es urbana, y que todo fuera de las ciudades es bárbaro, primitivo y que le podemos prenderle fuego.

¿Cómo cruzar la muralla de las ciudades? ¿Qué posibles implicaciones podrían existir entre las comunidades humanas que viven en el bosque y las que se enclaustran en las metrópolis? Porque si logramos mantener los bosques en el mundo, habrá comunidades dentro de ellos. Vi una cifra que el Fondo Mundial para la Naturaleza (WWF) publicó en un informe apuntando a que 1.400 millones de personas en el mundo dependen del bosque, en el sentido de tener una economía ligada a él. No son los madereros. Es una economía que asume que los humanos que viven allí necesitan del bosque para vivir. La antropóloga Lux Vidal escribió un trabajo muy importante

sobre las viviendas indígenas, en el que relaciona materiales y conceptos que organizan la idea de hábitat equilibrado con el entorno, con la Tierra, el Sol, la Luna y las estrellas, un hábitat que se integra al cosmos, a diferencia de este implante en el que se han convertido las ciudades alrededor del mundo.

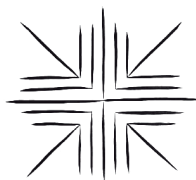
Entonces me pregunto: ¿Cómo hacer que el bosque exista en nosotros, en nuestras casas, en nuestros patios? Podemos provocar la emergencia de una experiencia forestal empezando a desafiar este orden urbano sanitario, diciendo: voy a dejar mi patio lleno de malezas, quiero estudiar su gramática. ¿Cómo puedo encontrar un lapacho, un peroba rosa, un jacarandá en medio del bosque? ¿Y si tuviera un moriche en mi jardín?

Hay que acabar con el furor de echarle asfalto y cemento a todo. Nuestros riachuelos no respiran, porque hay una mentalidad de catacumba, agravada por la política de hitos sanitarios, que piensa que hay que poner una losa de cemento encima de cada riachuelo, como si fuera una vergüenza que corra agua allí. Las sinuosidades del cuerpo de los ríos son insoportables para la mente recta, concreta y erguida de quienes planifican el entorno urbano. Hoy, en la mayoría de las veces, la planificación urbana se hace contra el paisaje. ¿Cómo reconvertir el tejido urbano industrial en un tejido urbano natural, acercando la naturaleza al centro y transformando las ciudades desde dentro?

**Ailton Krenak** é líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor, e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Protagonizou uma das cenas mais marcantes da Assembleia Constituinte, em 1987, quando pintou o rosto com jenipapo para protestar contra os ataques aos direitos indígenas.

Participou da União dos Povos Indígenas, que se transformou na Aliança dos Povos da Floresta, junto com David Kopenawa Yanomami e Chico Mendes. Fundou a ONG Núcleo de Cultura Indígena. Com seu povo na região do Rio Doce, enfrentou os efeitos do rompimento da barragem do Fundão, em Mariana (MG). Como escritor, lançou “Ideias para adiar o fim do mundo”, “O amanhã não está à venda” e “A vida não é útil”.



**Ailton Krenak** is an indigenous leader, environmentalist, philosopher, poet, writer, and honorary doctor from the Federal University of Juiz de Fora (UFJF). He starred in one of the most striking scenes of the Brazilian Constituent Assembly, in 1987, when he painted his face to protest against the attacks on indigenous rights. He participated in the Union of Indigenous Peoples, which became the Alliance of Forest Peoples, together with David Kopenawa Yanomami and Chico Mendes. Together with his people in the Rio Doce region, he faced the effects of the collapse of the Fundão dam in Mariana, Minas Gerais.

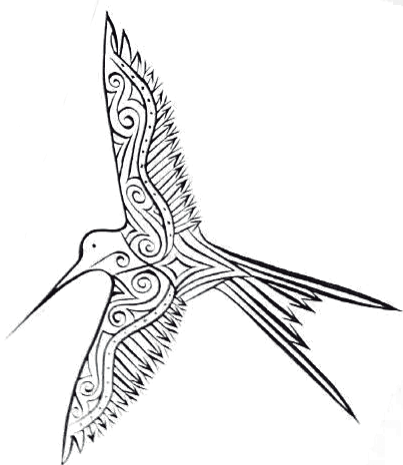
**Ailton Krenak** es líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor y doctor honoris causa por la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF). Protagonizó una de las escenas más impactantes de la Asamblea Constituyente, en 1987, cuando se pintó la cara para protestar contra los ataques a los derechos indígenas. Participó en la União dos Povos Indígenas, que se convirtió en la Alianza de los Pueblos de la Selva, junto con David Kopenawa Yanomami y Chico Mendes. Fundó la ONG Núcleo de Cultura Indígena. Con su gente en la región de Rio Doce, enfrentó los efectos de la ruptura de la represa de Fundão, en Mariana (Minas Gerais).



**Daiara Tukano** (ilustração), ou Duhigô, é artista visual, muralista, comunicadora, professora e mestre em Direito Humanos pela Universidade de Brasília (UNB). Ativista pelos direitos indígenas, coordenou a Rádio Yandê, primeira web rádio indígena do Brasil. Em 2020, tornou-se a artista indígena a ter o maior mural de arte urbana do mundo, com a pintura de mais de 1.000 m<sup>2</sup> no histórico Edifício Levy, no Centro de Belo Horizonte (MG).



Capa: “A redenção” 2022, acrílica sobre tela 1mx1m, exposição Nhe’ê Porã, Museu da Língua Portuguesa.



**Daiara Tukano** (illustration), or Duhigô, is a visual artist, muralist, communicator, professor and Master in Human Law from the University of Brasília (UNB). Activist for indigenous rights, she coordinated Rádio Yandê, the first indigenous web radio in Brazil. In 2020, she became the indigenous artist to have the largest urban art mural in the world, with a painting of more than 1,000 m<sup>2</sup> in the historic Levy Building, in the center of Belo Horizonte (Minas Gerais).

Portada: “A redenção” 2022, acrílico sobre lienzo 1mx1m, exposición Nhe’ẽ Porã, Museo de la Lengua Portuguesa.

**Daiara Tukano** (ilustración), o Duhigô, es artista visual, muralista, comunicadora, profesora y Máster en Derecho Humano de la Universidad de Brasilia (UNB). Activista por los derechos indígenas, coordinó Rádio Yandê, la primera web radio indígena de Brasil. En 2020, se convirtió en la artista indígena en tener el mural de arte urbano más grande del mundo, con una pintura de más de 1.000 m<sup>2</sup> en el histórico Edificio Levy, en el centro de Belo Horizonte (Minas Gerais).

Cover: “A redenção” 2022, acrylic on canvas 1mx1m, exhibition Nhe’ẽ Porã, Museum of the Portuguese Language.



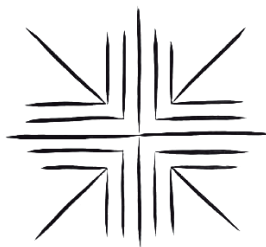
**Marcos Colón** é doutor em Estudos Culturais pela Universidade de Wisconsin-Madison em 2019 e atualmente leciona no programa de Saúde Pública da Universidade Estadual da Flórida. Produziu e dirigiu o longa documental *Beyond Fordlândia: An Environmental Account of Henry Ford's Adventure in the Amazon* (2018) e concentra sua pesquisa nos estudos sobre representações da Amazônia na literatura e no cinema brasileiros nos séculos XX e XXI. É fundador e editor-chefe da *Amazônia Latitude*, revista digital sobre meio ambiente. Atualmente trabalha em um livro baseado em experiências filmando a região. *Pisar Suavemente na Terra* (2022) é seu segundo longa.





**Marcos Colón** obtuvo su doctorado en Estudios Culturales por la Universidad de Wisconsin-Madison en 2019 y actualmente enseña en el programa de Salud Pública de la Universidad Estatal de Florida. Produjo y dirigió el largometraje documental “Beyond Fordlândia: An Environmental Account of Henry Ford’s Adventure in the Amazon” (2018) y centra su investigación en estudios sobre las representaciones de la Amazonía en la literatura y el cine brasileños en los siglos XX y XXI. Es el fundador y editor jefe de *Amazônia Latitude*, revista digital sobre el medio ambiente. Actualmente, Marcos Colón trabaja un libro basado en experiencias filmando la región amazónica. “Pisar Suavemente na Terra” (2022) es su segundo largometraje.

**Marcos Colón** received his PhD in Cultural Studies from the University of Wisconsin-Madison in 2019 and currently teaches in the Public Health Program at Florida State University. He produced and directed the feature documentary *Beyond Fordlândia: An Environmental Account of Henry Ford’s Adventure in the Amazon* (2018) and focuses his research on studies of representations of the Amazon in Brazilian literature and cinema in the 20th and 21st centuries. He is the founder and editor-in-chief of *Amazônia Latitude*, a digital magazine about the environment. He is currently working on a book based on experiences filming the region. *Pisar Suavemente na Terra* (2022) is his second feature film.



# A VIDA É SELVAGEM

AILTON KRENAK

“Fomos, por muito tempo, embalados pela história de que somos a humanidade. Enquanto isso, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra”

*Ailton Krenak*

**amazonia**  
LATITUDE  
*Press*

*Dorian Tekano*  
22